

PALCO

JUIZ DE FORA, JUNHO. 2013. ANO V. Nº 32

SOM DE DOMINGO DEMOCRACIA CULTURAL

Iniciativa da Pró-reitoria de Cultura da UFJF, com apoio da Funalfa e da Cesama, em 19 de maio, a Praça Cívica da universidade foi cenário da primeira edição do projeto *Som de Domingo*, evento que pretende oferecer programação cultural gratuita de qualidade para a comunidade e ser mais uma ferramenta de aproximação do público com a instituição. As cerca de 200 pessoas que compareceram à estreia – adultos, jovens e famílias com crianças – assistiram a apresentações do *Coral Universitário*, regido por Guilherme Augusto de Oliveira, e das bandas *Trupicada* e *Beatles Forever*.

Integrante da banda cover, *Chico Forever* (Francisco Bustamante) ficou feliz de participar do primeiro *Som de Domingo* e apoiou a iniciativa da Pró-reitoria de Cultura, ressaltando que havia uma lacuna desse tipo de

Brandão, Sueli Costa, João Bosco e Gonzaguinha, que se apresentaram gratuitamente.

Em entrevista ao *Palco*, Marcinho Itaboray, nomeado pelo extinto *Diário Mercantil* revelação musical do ano de 1969, conta que, na época, as pessoas não tinham espaço para mostrar seu talento. O anfiteatro do atual ICB se tornou esse lugar, primeiramente só para os alunos; depois, pessoas de todos os lugares da cidade iam prestigiar ou mesmo participar do evento.

Marcinho chegou a pensar que seria preso, junto com os integrantes da banda *A Pá*, por cantar músicas “proibidas”. O conjunto mais frequente no *Som Aberto* “se chamava *A Pá* porque era uma pá de gente!”, explica o músico. Foi a partir do sucesso do evento que o grupo chegou aos palcos do Teatro Pró-Música, apresentando-



NESTA EDIÇÃO

ENTREVISTA
TITA PARRA E A MAGIA
DA MÚSICA

SEMINÁRIO
DESAFIOS DO
PATRIMÔNIO EM PAPEL

DORMEVILLY NÓBREGA
CONHECIMENTO
DEMOCRATIZADO

programação em Juiz de Fora. Marcelo Carvalho, produtor da *Trupicada*, também elogiou o projeto: “O *Som de Domingo* é uma importante retomada do acesso à cultura local. Iniciativas como esta fazem cumprir um dos papéis principais que, a meu ver, tem uma universidade pública: acessibilidade à cultura, ao entretenimento, ao lazer para toda a comunidade que a circunda e para toda a cidade que a abriga”.

Pró-reitor de Cultura e idealizador do *Som de Domingo*, Gerson Guedes avaliou que essa primeira edição funcionou como uma experiência para melhores resultados nos próximos domingos. A proposta é tornar o projeto um evento mensal, que, em junho, aproveitando a temporada de festas juninas, deve levar o forró à Praça Cívica e, em julho, integrar a programação do Festival de Música Colonial Brasileira e Música Antiga.

RETOMADA

O *Som de Domingo* inspira-se em uma iniciativa que movimentou Juiz de Fora há quase 40 anos e marcou época em função de seu impacto na cena cultural local, em um momento político difícil. Em 1974, o Diretório Central dos Estudantes (DCE), em resposta à repressão, uniu forças e lançou o *Som Aberto*, que se tornou um espaço de democracia cultural, onde os próprios alunos se apresentavam com poesia, teatro, música e dança. O evento ocorria no antigo Instituto de Ciências Biológicas e Geociências (ICBG), e alguns artistas renomados na cidade atualmente, como Chico Curzio, Luizinho Lopes e Marcinho Itaboray, se apresentaram no *Som Aberto*, que mais tarde ganhou repercussão e chegou a ser palco também de artistas de expressão nacional, como Leci

-se com canções autorais, que, com o apoio da plateia, enfrentou a censura.

A perspectiva de que o *Som de Domingo* represente um novo espaço para a expressão cultural deixa o músico otimista: “A universidade tem que mostrar a cara dela. Gerson Guedes tem que fazer isso mesmo”. Para ele, a Praça Cívica da UFJF pode se tornar não só um palco para artistas já consagrados, mas também uma porta de entrada para artistas iniciantes.

O *Som Aberto* teve seu declínio por volta de 1980, quando seus principais idealizadores se formaram. Com sua ausência, o evento perdeu força, mas, em 1982, o Diretório Acadêmico do curso de Engenharia retomou o projeto, porém com outro nome – *Domingo Cultural*, apelidado de *Prata da Casa*. As apresentações eram sempre gratuitas e, além da programação cultural, havia brincadeiras e jogos orientados pelos estudantes de Educação Física.

Agora, em 2013, a Pró-reitoria de Cultura mescla os nomes dos eventos que marcaram um período importante para a universidade e para Juiz de Fora. A Praça Cívica da UFJF está muito mais bonita e melhor preparada para grandes eventos, com sua Concha Acústica, que poderá desempenhar seu real papel de abrigar apresentações artísticas e levar arte à população em geral.

Raíra Garcia





SEMINÁRIO MEMÓRIA EM PAPEL

Documentos, livros, desenhos, pinturas, colagens e gravuras – quanta coisa é registrada em papel? Muitas. É só reparar à nossa volta o grande volume de papel que mobilizamos diariamente. Os registros de acervos bibliográficos, documentais e de obras de arte em suporte de papel constituem importantes conteúdos para a permanência da memória cultural da sociedade. No entanto, a massa de acervos reservados em instituições imbuídas de sua preservação e o constante processo de deterioração, paulatina e lenta, são grandes desafios para manter vivo o patrimônio em papel. Então, como preservar esses registros? *Preservação de Acervos em Papel* é a temática do seminário que acontece no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) nos dias 26, 27 e 28 deste mês.

O evento tem o objetivo de promover debates e disseminar a troca de experiências de preservação do patrimônio cultural expresso em papel. Temas como *Ciência da Conservação*, *Políticas de gestão e acesso*, *Conservação preventiva*, *Segurança de acervos culturais*, *Emprego de tecnologias científicas* e *Metodologia de conservação-restauração* serão discutidos sob a ótica interdisciplinar que o tema demanda. Para o organizador do evento e restaurador do Laboratório de Conservação e Restauração de Papel do MAMM, Aloísio Nunes de Castro, o seminário “dá realce a essa memória em suporte de papel de toda forma”.

O laboratório do MAMM se diferencia de outros do gênero por estar dentro da universidade. A ele é atribuído o desempenho da tríade universitária, que consiste em ensino, pesquisa e extensão. A realização deste seminário consolida dez anos de funcionamento do laboratório. Não é errôneo afirmar que ele é fruto de uma experiência já demarcada em sua missão de pesquisa, difusão, preservação e acesso ao acervo de artes visuais, bibliográfico e documental. O evento reafirma o compromisso de interlocução da universidade com a sociedade, promovendo o debate e a construção de políticas públicas de preservação do patrimônio cultural.

PROGRAMAÇÕES

O seminário terá a participação de 13 pesquisadores reconhecidos na área. Serão duas conferências e quatro mesas-redondas para discussão e debate dos temas abordados. O evento tem início dia 26, com uma cerimônia de abertura que reunirá representantes do MAMM, da Pró-reitoria de Cultura e da Funalfa. Após a conferência inaugural sobre o tema *Os desafios da preservação para o séc. XXI: reconhecimento científico e profissional*, que será ministrada por Yacy-Ara Froner, coordenadora do Curso de Conservação-Restauração da Escola de Belas-Artes da UFMG, acontece o lançamento do livro *A trajetória histórica da conservação-restauração de acervos em papel no Brasil*, de Aloísio de Castro.

O segundo dia será marcado pela presença de Howard Besser, da Universidade de Nova York, pesquisador sobre o tema preservação digital, que fará a conferência *Suporte de papel versus suporte digital – quem sobreviverá?* Seu artigo *Longevidade digital* aborda a curta vida da informação digital e ressalta que “ainda que a maioria das pessoas tenda a pensar que (ao contrário da informação analógica) a informação digital durará para sempre, não conseguimos perceber a fragilidade dos objetos digitais”.

O seminário tem como público-alvo os estudantes de graduação e pós-graduação interessados na área do patrimônio cultural; profissionais de arquivos, bibliotecas e museus; docentes e pesquisadores da área; agentes culturais e procedentes de cargos da administração pública voltados para a área da cultura.

CIÊNCIA

Quando se pensa em restauração, é quase natural que a imagem de um artista com pincelzinho na mão trabalhando povoe o imaginário das pessoas. Por muito tempo foi assim, um trabalho artesanal; mas hoje, com o avanço tecnológico, o trabalho passou a ser bem mais técnico. A Ciência da Conservação, como é chamado o campo teórico, demanda

ações integradas de pesquisadores de diversas áreas. Os avanços técnicos e a preservação de acervos científicos e artísticos se tornam cada vez mais determinantes para a qualidade das pesquisas; e o planejamento vai desde o processamento ao estudo laboratorial.

Em seu artigo *Conservação e restauração – A legitimação da ciência*, a professora Yacy-Ara Froner trata do profissional restaurador e afirma que “de simples oficiais mecânicos, técnicos subalternos ou mão de obra, passamos a assumir o papel de pensadores, pesquisadores intelectuais e cientistas”. E acrescenta que, “como conservadores-restauradores, somos cada vez mais cobrados em relação ao nosso nível de qualificação, formação e experiência”.

A realização do seminário denota a importância de uma reflexão sobre o *locus* de discussão sobre a preservação, que é a Universidade, onde deixa de ser uma atividade tecnicista e alcança o estatuto científico. Na avaliação de Aloísio, não há lugar mais propício para essa discussão técnico-científica.



TRAJETÓRIA HISTÓRICA

O primeiro dia do seminário *Preservação de acervos em papel* (26), no MAMM, será marcado pelo lançamento do livro *A trajetória histórica da conservação-restauração de acervos em papel no Brasil*, de Aloísio Nunes de Castro, funcionário da universidade há 15 anos, onde também se graduou e pós-graduou. A obra, resultado ampliado de sua dissertação de Mestrado, é patrocinada pela Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura, em coedição com a Editora UFJF.

“O livro reflete minha vida acadêmica, representa toda minha formação, tanto como pesquisador como restaurador, e propõe uma reflexão sobre o que foi essa trajetória”. Em prefácio da obra, a pesquisadora-doutora Yacy-Ara Froner ressalta “a importância do reconhecimento da Ciência da Conservação como uma área do saber autônomo no âmbito da gestão da produção do conhecimento científico no Brasil”.

O livro apresenta uma visão acerca da preservação do patrimônio cultural brasileiro por meio do levantamento e da análise da trajetória histórica da conservação-restauração de papel no país, desde a primeira década do século XX até os anos 2000. “Ele propõe uma reflexão sobre o que foi essa trajetória e analisa esse período histórico. É um livro de reflexão”, comenta o autor, muito elogiado por ter uma grande experiência na área, além de conhecimento acadêmico.

Luzya Marxiellen



ENTREVISTA TITA PARRA

Neta da famosa artista e folclorista chilena Violeta Parra, a compositora e cantora Tita Parra dá continuidade ao trabalho da avó divulgando a cultura de raiz latino-americana pelo mundo. Em passagem pelo Brasil, Tita fez uma palestra e uma apresentação musical no Museu de Arte Muriilo Mendes (MAMM), empolgando e arrancando lágrimas do público ao falar de sua relação com a avó e ao executar canções famosas como *Volver a los 17* e *Gracias a la vida*. Em meio a tantas atividades, a compositora conversou com o *Palco* para falar de cultura, internet, família e música.

Você fala de Violeta como “a Violeta”, e não como a avó Violeta. Como você lida com essa relação de parentesco, de proximidade e ao mesmo tempo de distanciamento, em razão de ela ser uma referência no trabalho que você desempenha? Como você enxerga a grande folclorista, a mulher que lutou em defesa da cultura nacional chilena, ou a avó, a *abuela* com a qual você morou?

Na verdade, eu sempre a vejo das duas formas. Eu sempre a chamei de Violeta, nunca de *abuelita*. Sempre que a via falava: – *Hola, Violeta* –, sempre que a chamava, estava falando dela como artista e como minha avó.

E como se sente falando dela, apresentado os filmes sobre ela, tocando suas músicas?

Eu me sinto acompanhada por ela. Quando vou realizar alguma atividade, uma apresentação, uma palestra que seja, eu sempre fico tímida, com medo, e nervosa, pensando se as outras pessoas vão gostar ou não, se eu vou fazer tudo certo. Mas aí eu começo a pensar que vou rever a Violeta, ver a presença dela. Então, a cada vez que a vejo, fico contente. Eu vi mil vezes esse vídeo que apresentei hoje, e cada vez que assisto é assim que me sinto por reencontrá-la.

O trabalho de Violeta Parra começou com o foco de divulgar a música folclórica dentro do país de origem e depois acabou se estendendo para o exterior. Ela rodou a Europa levando a cultura chilena, chegou até a morar em Paris por alguns anos. Você faz um trabalho parecido, mostrando a cultura chilena no Brasil. É mais fácil falar de folclore e da cultura de raiz fora ou dentro do próprio país?

Eu creio que isso muda de lugar para lugar. No Chile, por exemplo, nós possuímos um trabalho forte de divulgação interior. Palestras como essas que estou realizando hoje são muito comuns, sejam em escolas, universidades ou para grupos de terceira idade. Elaboramos projetos e conseguimos espaço. O Museu Violeta Parra, que será inaugurado este ano, é um exemplo concreto disso; mas mesmo assim continua difícil.

E por quê?

Porque os problemas que enfrentamos são os mesmos que a Violeta enfrentava, só que com outra roupagem. A sociedade e o Estado continuam a não se interessar pela cultura. Acho que, por isso, as músicas de Violeta permanecem atuais. Hoje, no Chile, nós observamos protestos de estudantes e *mapuches* (etnia indígena) por reformas políticas. E o que eles cantam nessas manifestações? Cantam a música de Violeta. Isso é um sinal de que a problemática persiste.

Você afirma que seu trabalho tem muita influência da música brasileira. Como é o seu contato com a nossa produção nacional? Você tem aqueles músicos prediletos ou está procurando ouvir coisas novas?

Eu sempre me considero uma ignorante em relação à música brasileira, porque cada vez descobro algo que não conhecia. E eu achava que sabia bastante e me dei conta de que não sei de nada. Agora, por exemplo, como tenho ficado no Rio de Janeiro, estou ouvindo samba como uma louca, e tenho conhecido muitos sambistas também, como Cartola, Monarco da Portela. Conheci também as intérpretes de samba, como Céu e Clara Nunes. Tenho ouvido jongo. Tem sido uma experiência muito rica sempre.

Antigamente, falava-se da barreira entre o Brasil e os demais países hispânicos da América, barreira essa representada sobretudo pela língua. Na palestra você comentou que esses obstáculos ruíram. Você atribui isso à internet?

Com certeza. A internet tem ajudado tudo, principalmente com a questão da divulgação das músicas. Antes nós teríamos que gravar discos e pertencer a uma gravadora multinacional. Isso acabou. Eu mesma coloquei todas as minhas músicas no YouTube e no Sound Cloud para que todos possam ouvir. A tecnologia tem sido favorável para a música, para a cultura, para a comunicação, para conexão e para encontros. Não é questão de ficar o dia inteiro no computador. É questão de você ficar um pouco e depois partir para os encontros reais. Essa é uma autonomia que só a internet dá. Não há mais necessidade de televisão, rádio e gravadoras. Podemos saltar todo esse processo e atingir diretamente o público, através de Facebook, Twitter etc.

Como a história política do Chile aparece na sua música? Você vê uma continuidade com o trabalho de Violeta ou tem uma visão diferente?

Minhas músicas não tratam de questões políticas, falam mais sobre a vida interior, sobre questões espirituais, ecológicas. Refletem outros valores, tratam da problemática do ser individual.

Você acha que isso é em razão da queda da ditadura?

Sim. A queda da opressão externa fez com que as pessoas percebessem que o mundo externo não tem nada e que o mundo interno tem tudo.

Como você enxerga o papel da música na aproximação das pessoas?

A música é magia, conexão de pessoas, faz a vida muito mais celestial, divina. A música está mais perto do mistério.

Por fim, de que maneira você acha que o trabalho de Violeta permanece vivo?

A música tem vida própria. Ouço a cada dia novas versões para essas canções dela, seja *rock*, *jazz* etc. Para mim, o importante é isso, que as novas gerações descubram e redescubram a Violeta.

Thauan Monteiro



AGENDA

UFJF | PROCULT

Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Campus Universitário
(32) 2102-3965
www.ufjf.br/procult

EXPOSIÇÃO

Patrimônio em fotomaquete,
Alexandre Fioravante
Saguão da Reitoria
Abertura: 27.06, 20h

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/n
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

23.06, 20h 6ª Mostra de Dança
e Educação

28.06, 21h Encontros
impossíveis (espetáculo espírita)

MAMM MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm

Terça a sexta: 9h às 18h
Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

Juiz de Fora Verbo e Cor – Das
origens ao início do século XX
Galerias Retrato-relâmpago e
Poliedro

A obra e a coleção:
aproximações em Murilo Mendes
Galeria Convergência

Abertura: 20.06

LEITURAS TEMÁTICAS

08.06, 16h Lançamento do livro
Um século de moda, de João
Braga

SEMINÁRIO

26.06 a 28.06 Seminário
Preservação de Acervos em Papel

PRÓ-MÚSICA

Av. Barão do Rio Branco, 2.329
(32) 3216-4787
www.promusica.org.br

EXPOSIÇÃO

10.06 a 30.06 Closes, Rachel
Gouvêa
Galeria Renato de Almeida

ESPAÇO CULTURAL DOS CORREIOS

Rua Marechal Deodoro, 470

EXPOSIÇÃO

07.06 a 20.07 João Rossi -
através do tempo
Abertura: 06.06, 20h

MAPRO

Rua Mariano Procópio, 1.100

30.06, 16h Projeto Música no
Parque – Orquestra Sinfônica do
Pró-Música.

DORMEVILLY ACERVO LITERÁRIO

Democratizar o conhecimento, difundir informação, proteger um bem público e enriquecer a política de acervos. Essas foram as ações que levaram a Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2010, a adquirir o acervo do jornalista e historiador Dormevilly Nóbrega. Hoje no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), o acervo foi limpo, higienizado, registrado, catalogado e classificado. Ao final do mês passado, parte dele foi disponibilizada para consulta pública, solidificando, assim, o valor extensível que também sustenta o pensamento e a atuação acadêmica da UFJF.

O acervo completo reúne mais de 20 mil itens, que vão de livros a documentos pessoais de Dormevilly. Entretanto, o que está disponível neste momento, segundo o responsável técnico pelo acervo, o bibliotecário Rafael Cestaro, é a classe de Literatura Geral, com cerca de 1.700 livros. Nesta parte do acervo, encontram-se livros de teoria literária, literatura brasileira, francesa, portuguesa, italiana e alemã, além de obras que fazem parte do cenário juiz-forano e da região: autores do século XX, que contaram a história da cidade e seu entorno, como Albino Esteves, Paulino de Oliveira, Belmiro Braga, Lindolfo Gomes, Cleonice Rainho, Gilberto de Alencar e livros de autoria do próprio Dormevilly. Desde maio, os livros já estavam disponibilizados no Siga [Sistema Integrado de Gestão Acadêmica da UFJF].

“Tanto o acervo do Dormevilly quanto o acervo do Itamar Franco serão só para consulta no local, sem empréstimo domiciliar”, informa Cestaro, para quem a importância do acervo do jornalista e historiador se revela na história de Juiz de Fora e região. “As pessoas poderão tomar conhecimento da história regional, e não só do município, mas também no nível nacional e internacional. O forte desse acervo são arquivos, essa informação do município”, diz, salientando que a democratização da informação é essencial para que as novas gerações conheçam um pouco da matriz que formou a cidade e a nossa cultura.



No decorrer dos processos de catalogação e classificação das outras classes do conhecimento encontradas no acervo, outros materiais serão disponibilizados. A próxima classe, e a maior dentro do acervo de Dormevilly Nóbrega, é a dos livros de história. Nessa etapa, Cestaro espera encontrar mais raridades de Juiz de Fora e prevê que ele e o público irão se surpreender com os itens preciosos que poderão ser descobertos.

Ainda em processo de organização, encontram-se os vários recortes de jornais de Dormevilly, periódicos, fotos,

documentos, material datilografado. A previsão para que todo o acervo seja liberado ao público, segundo Cestaro, é de, pelo menos, dois anos e meio, dada a grande quantidade de itens do acervo. Existem caixas que ainda nem foram abertas, mas que contribuirão para a memória da cidade, alimentando o ideal, que um dia Dormevilly acalentou, de democratizar a informação.



UMA VIDA DE DEDICAÇÃO À MEMÓRIA

Dormevilly Nóbrega tinha apenas 13 anos quando começou a organizar uma das mais importantes coleções formadas em Juiz de Fora sobre assuntos mineiros e, em especial, sobre Juiz de Fora. A coleção inclui quadros de importantes pintores da cidade, esculturas, bustos, documentos assinados e mais de 20 mil títulos, entre livros raríssimos, coleções completas de jornais do século 19, revistas da primeira metade do século 20, obras de autores juiz-foranos do final do século 19 e início do século 20. O acervo ficava acondicionado em dezenas de estantes, que ocupavam seis cômodos de sua casa, no Bairro de Lourdes, onde Dormevilly fazia questão de atender a todos os que o procuravam para pesquisas.

Dormevilly Nóbrega nasceu em 17 de dezembro de 1921, em Três Corações (MG), e faleceu em 18 de abril de 2003, em Juiz de Fora, aonde chegou, em 1932. Serviu o Exército durante a Segunda Guerra Mundial. Atuou como figurinista e rádio-técnico. Aprendeu com o avô marceneiro a pintar e a esculpir. Foi cantor de rádio e seresteiro, além de professor de português, geografia e desenho. No jornalismo, começou como tipógrafo, aos 13 anos, na *Folha Mineira*. Aos 16, já era repórter. Trabalhou também nos jornais *Gazeta Comercial* e *Diário Mercantil* e na *Revista Marília*. Como jornalista, atuou, ainda, em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Como servidor público, trabalhou na Prefeitura e na Câmara Municipal de Juiz de Fora. Nomeado pelo governador Magalhães Pinto, foi Intendente do município de Belmiro Braga, tendo assessorado o primeiro prefeito da cidade.

Dormevilly também era artista plástico, formado pela Sociedade de Belas-Artes Antônio Parreiras, e membro-fundador da Academia de Letras de Juiz de Fora e do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora. Sua dedicação à preservação da memória da cidade rendeu-lhe o título de Cidadão Honorário de Juiz de Fora (1954), a Medalha do Mérito Comendador Henrique Guilherme Fernando Halfeld (1984) e a Medalha do Sesquicentenário de Juiz de Fora (2003).

Jefferson Oliveira